

A TOUPEIRA

ALBERTE PAGÁN

Ouveos por Guy Debord

Finalmente! Tantos anos ouvindo falar do cinema (invisível) de Debord, conseguindo traduções mediocres da banda de som das suas películas (retiradas da circulação em 1984), traducindo mediocremente os seus guions, contemplando ilustrações e fotogramas borrosos... Mas nenhum texto pode substituir a película (contraste-se a versom livro coa versom película d'A *Sociedade do espectáculo*), e o cinema de Debord seguia fugidio e inapreensível. Tanto tempo, finalmente, visionando umha má cópia em VHS, conseguida através dum amigo dum amigo, dumha má restauração feita para o festival de Veneza de 2001: que decepçom comprovar a ausência dos subtítulos, incluídos nos guions como contraponto da voz e a estas alturas já aprendidos de memória, em *Critique de la séparation*, em *La Société du spectacle*, em *Réfutation de tous les jugements, tant élogieux qu'hostiles, qui ont été jusqu'ici porté sur le film "la Société du spectacle"*; que decepçom encontrar-se com que os 24 minutos de pantalha negra e silêncio cos que remata *Hurlements en faveur de Sade* ficarom reducidos a 16 e, in-

compreensivelmente, tingidos de branco após meia dúzia de minutos.

Finalmente, agora, reedita-se a obra cinematográfica completa de Debord e, felizmente para os que habitamos na periferia cultural, sai a versom em DVD (que a V.O. nom moleste: abundam traduções dos guions na Rede) fermosamente editada por Gaumont-Columbia Tristar.

As seis películas de Debord (mais o par de anúncios, esteticamente independentes, feitos para duas delas), realizadas entre 1952 e 1978, constituem um todo de asombrosa coerência estética, ética e política. A primeira, a mais radical, *Hurlements...*, prescinde da image: a pantalha fica branca entanto ouvimos um pseudo-diálogo de frases roubadas, *detournées* e poéticas como as das suas *Mémoires*, e volve-se preta co silêncio. Esta ausência de images precede, e diferencia-se de, a estruturalista Arnulf Rainer (Kubelka) e a estroboscópica *The Flicker* (Conrad). A pantalha branca ou negra de *Hurlements...* citar-se-á repetidamente no resto da sua obra, mas em *In girum imus nocte et consumimur igni* a cita será lite-

ral, reproduzindo-se pantalha branca e texto simultâneo: (auto)apropriaçom dum texto apropriado (al-biscamos certas semelhanças com Straub e Huillet). A primeira oraçom *In girum...* pom-nos sobre aviso: "Nom vou fazer ningunha concessom ao público"; e cara ao final desta sua derradeira película, ante umha nova pantalha branca, um intertítulo funciona como necrológica do cinema: "E aqui o espectador, privado de todo, será também privado de images."

No cinema de Debord convive poesia com política, filosofia com crítica cinematográfica, memórias com história, nostalgia com análise, amor com crónica. Se a lúcida e profética análise d'A *sociedade do espectáculo* (livro) devém película, enriquecendo-se coas images (ou ausência delas), multiplicando-se os significados, *In girum...* será o borrador do seu *Panegyric*. As mesmas images repetem-se numha e noutra película, a mesma dúzia de fotos de situacionistas, de amantes, de arquitecturas; as mesmas vinhetas; as mesmas cenas de películas apropriadas, *detournées*: *Johnny Guitar*, *Rio Grande*, *A carga da brigada ligeira*, em bran-

co e negro e dobradas ao francês. Ou sem diálogos. Nom importam. Como nom importa a qualidade técnica. Só importa a image, a referência, transformada, desviada para uso pessoal.

Debord parte de cero na história do cinema, como fará Andy Warhol, com cuja arte comparte certos recursos, como a re-utilização de bandas desenhadas e de propaganda publicitária. Os numerosos anúncios de *Réfutation...* imitarão os de *Soap Opera* (Warhol). Debord: predecessor da arte *pop*.

O *détournement* debordiano, por meio do qual buscamos o significado real que as palavras e as images agacham, semelha-se aos *cut-ups* de Burroughs e Gysin. Umha mençom ao "Velho da Montanha" em *In girum...*, ao seu lema "Nada é verdade, todo está permitido", parece confirmar o parentesco, entanto as penúltimas palavras da obra cinematográfica de Debord, "nom haverá para mim retorno nem reconciliaçom", remitem a Straub através de Brecht (*Nom reconciliados, ou Só a violência ser-vé onde a violência reina*). ♦